

CRITICA ESTADA

O título do livro sugere um enfoque existencial do problema exercido pelo cinema. O termo "circunstância" tem sido usado e abusado no contexto do pensamento existencial desde a famosa sentença de Ortega. Mas a leitura do livro parece querer desmentir a expectativa sugerida pelo título. Quatro longos capítulos tratam da história do cinema como procura de uma linguagem e expressão, em estrutura nova, a "realidade". O leitor segue o raciocínio do autor nesses quatro capítulos com interesse crescente, porque está sendo introduzido ao aspecto formal da criação cinematográfica, cuja problematidade não suscitava como simples espectador na plateia. Foi absorvido fica pela leitura, que arquiva mentalmente a sua primeira expectativa. Depois surge o quinto capítulo, o último do livro. É o leitor vertice, surpresa, que tudo que tinha lido até aqui era introdução ao tema. Vertice que a estrutura do livro é esta: 122 páginas de introdução, e 16 páginas de exposição do tema. E vertice ainda que o tema pode ser condensado em duas sentenças que aparecem nas páginas 127 e 128 do livro. São estas: "Em Trinta Anos esta Noite", a penosa impressão que causam as coisas sem mistério acaba por levar a personagem ao suicídio" e "Pego porém no leitor 14- pessoa para admitir a câmara intervindo como elemento de salvagem, arrebatando a personagem, fazendo-a sentir um novo impacto das coisas". O cinema como método de salvagem em circunstância lenta de mistério: eis o tema do livro. O homem lançado em circunstância sem significado, e o cinema como método de dar significado-caso. O cinema como revelador de "mysterium tremendum".

Por que esta estrutura curiosa do livro? Por que esta desproporção entre introdução ao tema e exposição do tema? Acaso se trata de um truque técnico, destinado a aguar a curiosidade do leitor pelo sistema que os americanos chamam "teatralização"? Acaso se trata de uma concessão que o autor faz ao espírito "objetivista" ao dedicar a maior parte do seu livro a uma discussão formal e histórica-cinematográfica? Não o creio. Creio, muito mais, que o autor procede como quem vai mergulhar em água gelada. Corre em redor da piscina, molha o pé, faz de conta que vai mergulhar, arasta-se arrepiado, toma novo ânimo, e, finalmente, no quinto capítulo, mergulha. E se tormos a ler o livro no espírito que esta exposição sugere, encontraremos, encastreadas nos quatro capítulos introdutórios, premonições do mergulho. Limitar esta resenha a discussões daquilo que como por tema central e das premonições desse tema.

Na página 32 encontramos: "O cinema, arte deste século por excelência, joga com um dado fundamental...: o tempo". Na página 39: "O absurdo dos que pretendem reverter o social como o único aspecto da realidade". Na mesma página: "O cinema social que subtrai o aspecto social... e o eleja como único... encontram na Rússia de Stalin e na Alemanha de Hitler o campo ideal de desenvolvimento". Na página 46: "Com o cinema surgiu uma nova criação: a criação num mundo estranho...". Na página 53: "Na luta que o homem tem empreendido nos últimos decênios para demonstrar que não é desnecessário, o cinema preencheu o vácuo da sua solidão...". Na página 55: "Penso que em arte somente o realismo pode fornecer o retrato desse animal que se alimenta de transcendências". Na página 117: "O festival como volta à natureza e integradas numa vida distante do manducado no realismo". E do quinto capítulo saliento as seguintes sentenças: "po-

... do Mundo Gato.
fazendo das personagens humanas o decor: eis o impulso .. que se esconde atrás das coisas". E finalmente: "Esta abertura significa a inversão de valores .. quando o homem do tédio". A linguagem da câmera abre e decifra o horizonte já do morreu na Espanha". Um cinema que consiga transmitir .. o espanto... e dê o cinema propor-se a tarefa de anunciar os novos tempos? "O homem enge-

Qual é a tese proposta pelo autor e exemplificada nas sentenças escolhidas? E esta: O nosso senso de realidade está em crise. A nossa circunstância tornou-se evasiva pelos modelos que criamos para explicar. Estes modelos não nos interessam mais, porque sabemos que apenas salientam aspectos deliberadamente escolhidas da plenitude da realidade. Por exemplo, a "explicação" que identifica a realidade com sociedade. Mas embora existencialmente desinteressantes, também esses modelos todos a nossa visão da realidade. Não podemos mais alcançá-la. Mas o cinema pode rasgar esses modelos todos e forçar um caminho rumo à realidade. Neste sentido é o cinema um realismo, e isto é a função autêntica do cinema como arte dos nossos tempos. Como pode fazê-lo? Provocando em nós a origem em mundo "estranho". É estranho, isto é misterioso e significativo, este mundo, porque o cinema joga com o tempo e com as coisas. Retorce o tempo como categoria discursiva e o torna existencialmente significativo. Salienta as coisas em seus aspectos suprimidos pela conversa água corrente, e faz reduzir o seu espanto misterioso. E arasta o homem do centro da cena, para onde o colocou um humanismo já agora evasivo. Tudo isto que o cinema faz parece ser técnica da câmera e da montagem. E o é em alta medida. Mas esta técnica é movida pelo desejo de forçar o caminho para a nova realidade, é uma técnica de uma nova técnica. E uma linguagem que aponta um novo significado.

Propõe-se a tarefa de anunciar os novos tempos.
O cinema como o Salvador que traz a boa nova, e o filme "Mundo Gato" como o seu novo batista; não é isto uma visão revolucionária da cena da atualidade? Não pode mais surpreender que o autor não se dispôs a anunciar a logo nas primeiras páginas, mas que mascarar a sua mensagem na forma de uma "história de cinema". A "história" é muito interessante, muito bem documentada e ilustrada. Mas diante desta radicalidade da mensagem empalidece. Imaginemos o impacto dessa mensagem em fontes heteroxas, sob pena de mortíferos sedentes. Esta me parece ser a mensagem deste livro.
O propósito desta resenha era este: O livro "Cinema e circunstância" deve ser lido como contação de um espírito atormentado pela falta de significado da circunstância na qual estamos. Deve ser lido como procura desesperada de uma saída. Deve ser lido como contação de sair a todo custo, inclusive ao custo de absurdo. Em suma: deve ser lido.